

A NATUREZA NUM JOGO URBANO HUMANIZADO

António Baptista Coelho

Sidónio Pardal escreveu que «*a vegetação é elemento amenizador do meio urbano, unificador, suporte de continuidades*»; e a presença ou a ausência evidenciadas de "verde urbano" são situações que caracterizam verdadeiramente os lugares.

Há, assim portanto duas facetas fundamentais na integração do verde urbano, uma delas directamente associada a uma melhoria das condições de conforto ambiental no exterior e nos próprios edifícios, e uma outra faceta mais de desenho ou concepção e que tem a ver com opções de projecto.

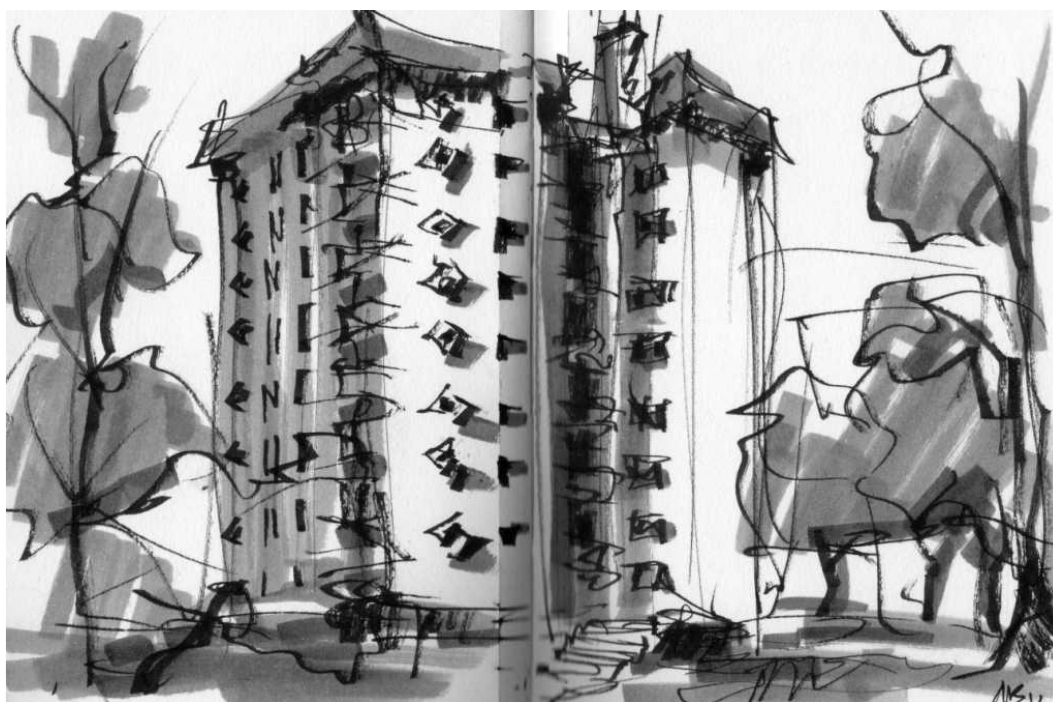


Fig. 01

Realmente o verde urbano é fundamental e incontornável numa perspectiva de amenização do meio urbano, de melhoria das condições de conforto ambiental na cidade (temperatura, humidade) e é responsável por uma significativa parcela da fixação do CO₂ - Al Gore, no âmbito do seu filme, recentemente exibido, “An Inconvenient Truth”, refere que uma árvore consome, em média, ao longo da sua vida, uma tonelada de CO₂; e só não se entende é a razão de não haver uma política sistemática de plantação de árvores nos espaços urbanos, pois para além do referido é impressionante o conjunto das suas vantagens, tal como fica evidente com a longa citação de um exemplar documento da London Tree Officers Association (LTOA), cujo site se recomenda (<http://www.ltoa.org.uk/>).

Apontam-se, assim, em seguida, as múltiplas vantagens da introdução de árvores na cidade (entre aspas citações da LTOA).

Nas áreas da saúde e do bem-estar: as árvores reduzem o risco de cancro na pele através do sombreamento; *“os níveis de stress e de doença são, frequentemente, mais baixos na presença de árvores”*; *“as árvores contribuem para níveis reduzidos de ruído e de poeiras”*; e *“à medida que as árvores se desenvolvem e envelhecem elas proporcionam carácter e sentido de lugar e de permanência, enquanto libertam cheiros e aromas que provocam uma resposta emocional positiva”*.

Em termos de influência no clima local: *“as árvores, para além de absorverem dióxido de carbono (o principal gás gerador do efeito de estufa), e de produzirem oxigénio, filtram, absorvem e reduzem os gases poluidores”* (alguns deles produzidos pelos veículos), *“incluindo o ozono, dióxido de enxofre, monóxido de carbono e dióxido de nitrogénio”*; *“suavizam, localmente, picos extremos de temperaturas, refrescando no Verão e aquecendo no Inverno”*; *“árvores com copas grandes e de grandes folhas acolhem a chuva, amortecendo a progressão da água entre o céu e o solo, ajudando a reduzir o risco de enxurradas”*.

Em termos aspectos sociais e ambientais: as árvores constituem *“pontos focais comunitários que incluam árvores proporcionam amenidade, valia estética e continuidade histórica”*; *“as árvores proporcionam ... um apreciável acréscimo de amenidades às famílias e às comunidades”*; *“as árvores marcam a mudança das estações do ano com alterações nas folhas e mudanças na floração”* - e é fundamental que o ciclo das estações seja sentido por todos e especialmente pelos urbanitas - ; *“As árvores oferecem habitats para um amplo leque de espécies de vida bravia ao longo de todo o ano”* - as árvores são, assim,

elementos fundamentais no apoio à biodiversidade, com uma utilidade que alia aspectos intrínsecos de manutenção das espécies, com aspectos igualmente importantes de espectáculo biológico oferecido aos urbanitas.

E no que se refere a **vantagens económicas**: *“a presença de árvores pode fazer aumentar o valor de propriedades residenciais e comerciais entre 5% e 18%, enquanto o valor do terreno não infraestruturado, que integre árvores adultas, pode aumentar até cerca de 27%”* (valores londrinos); *“quando as árvores são plantadas estrategicamente podem reduzir emissões de combustível fóssil, através da redução dos custos de combustível para aquecimento e arrefecimento dos edifícios”*; *“as árvores proporcionam a criação de emprego nos mais variados ramos de actividade (ex., jardinagem)”*; *“as árvores proporcionam uma fonte sustentada de “composto”, feito de folhas, assim como biocombustível produzido de aparas de madeira”*.

E como importante suplemento a todas estas vantagens regista-se que o verde urbano tem uma importância tão vital como impossível de quantificar, pois, como nos diz Daniel Filipe, se refere a uma fundamental dimensão afectiva: o jardim *“é um pequeno mundo a três dimensões sentimentais.”*(1)

A pergunta que aqui se deixa é que se está provado o tão grande interesse da arborização urbana não se entende a razão de uma tal medida não avançar e com carácter de urgência. E, provavelmente, a melhor resposta nesta matéria estará na aplicação de espécies arbóreas muito duradouras, pouco exigentes em manutenção e que suportem bem a poluição urbana, aliás, como tem sido feito, nos últimos anos, em grandes cidades nipónicas e norte-americanas.

Na temática de um habitar gerador de satisfação e agrado, o verde urbano pode ser elemento fulcral. Julga-se que isto terá ficado bem justificado com as longas citações da LTOA, e fica, também, evidenciado em frequentes acções de reabilitação urbana e habitacional em que ao nível citadino a acção preponderante corresponde a uma profunda renaturalização da zona intervencionada; e estes casos, que foram frequentes em França, são, frequentemente, designados de acções de “residencialização”, o que faz pensar: Naturalizar para residencializar, não é?



Fig. 02

Considerando que os benefícios ambientais do verde urbano ficaram aqui já razoavelmente apontados, circunscrevemo-nos, agora, às matérias da contribuição do verde urbano para as questões de desenho e a propósito lembra-se uma frase de Purini: «*O jardim é um tema censurado, e por muitas razões, pela moderna cultura arquitectónica, ... lugar do imprevisível, do fantástico, do mistério, o jardim representa a instabilidade e a contínua metamorfose do mundo...*»(2)

Uma ideia que é reforçada pela seguinte afirmação de Sidónio Pardal e Costa Lobo: «*As alamedas, os passeios arborizados, os jardins e os parques, enquanto espaços arquitectónicos, trazem uma carga simbólica do «natural» para o espaço construído*» (3).

E os mesmos autores (4) apontam que, os jardins urbanos começaram por ser espaços de encontro social e elementos representativos da cidade, mas hoje em dia eles respondem também a outras necessidades, entre as quais se destaca o contacto com a natureza, que é proporcionado a cidadãos bem enraizados e habitando edifícios em altura (que são reinos de interioridade); e numa tal perspectiva os jardins de hoje têm de suprir ou compensar essa crítica ausência da natureza no meio urbano, chegando-se ao habitar e podendo associar, estrategicamente, valências ambientais específicas de sossego e quietude, pois "*as alamedas, os passeios arborizados, os jardins e os parques, enquanto espaços arquitectónicos, trazem uma carga simbólica do «natural» para o espaço construído*".(5)

Tudo isto se liga a uma matéria de estruturação urbana de pequena escala, ou de pormenor, que tem muito a ver com os jogos urbanos e de entradas de habitações. Realmente quando nos aproximamos de casa, quando saímos de casa e quando circulamos perto da nossa habitação, estamos naturalmente mais predispostos para apreciar o pormenor e a razão de ser desse pormenor, e nesta perspectiva a razão de ser de muitos elementos do verde urbano ficará bem evidenciada, designadamente, em termos de interesse e diversidade visual, afectividade em relação a elementos naturais, suporte de uma estimulante biodiversidade, relação com o equilíbrio ambiental, acção em termos de filtro da poluição atmosférica e acústica e protagonismo efectivo na suavização e na integração dos edifícios e outros elementos construídos.



Fig. 03

Se aliarmos a todo este potencial, uma outra fundamental perspectiva, que vê o verde urbano a partir do interior de cada habitação, poderemos ainda juntar a esses aspectos, outros ligados à melhoria da privacidade do interior doméstico e ao importante exercício da apropriação e da identidade de cada pátio ou quintal privados, mas também de cada terraço, de cada varanda e, mesmo, naturalmente, de cada vão de janela ou de porta; assim tais apropriações sejam facilitadas pela concepção de Arquitectura.

E nesta estreita, e por vezes íntima, relação entre verde e edifício, não podemos deixar de voltar a sublinhar o papel da natureza na amenização ambiental dos espaços interiores que lhe são contíguos; e ninguém tem dúvida que, por exemplo, a significativa redução de temperatura que caracteriza os espaços sombreados pelas árvores é uma benesse que vai poder ser aproveitada pelos quartos e outros compartimentos contíguos, bastando, quase sempre, um simples abrir de janela.

A ideia que fica, para já, pois a estas matérias voltaremos, noutras perspectivas, nesta série editorial, é que para um agradável jogo urbano do pormenor é fundamental a participação, extremamente diversificada, das relações com a natureza e, especificamente, dos variadíssimos elementos de verde urbano; naturalmente que nestas matérias as árvores são verdadeiros protagonistas, pela sua escala e pelo seu potencial como verdadeiros jardins verticais, mas há uma riquíssima disponibilidade de soluções, opções e elementos capazes de participar, muito activamente, na criação de uma habitação mais agradável e estimulante, porque amenizada pela natureza, habitada pela natureza e por ela humanamente caracterizada.



Fig. 04

E fiquemos com uma imagem escrita: *«Além dos parques, são de extrema utilidade as pequenas jardinetas, refúgios de tranquilidade e de convívio*

espalhados pela cidade; mas melhor ainda é os edifícios no meio do verde...»
(6); e assim rematamos este tema com uma estratégica nostalgia de um verdadeiro racionalismo, aliás numa perspectiva em parte recuperada com as actuais preocupações de sustentabilidade ambiental.

Notas:

- (1) Daniel Filipe, "Discurso sobre a cidade", Lisboa, Editorial Presença, Coleção Forma n.º 8, 1977, p. 77 (1.ª ed. 1956).
- (2) Franco Purini, "La Arquitectura Didáctica", p. 231.
- (3) Sidónio Pardal; P. Correia; M. Costa Lobo, "Normas Urbanísticas, Vol. II", p. 113.
- (4) Sidónio Pardal; P. Correia; M. Costa Lobo, "Normas Urbanísticas, Vol. II", p. 117.
- (5) Sidónio Pardal; P. Correia; M. Costa Lobo, "Normas Urbanísticas, Vol. II", p. 113.
- (6) Francisco Keil Amaral, "Lisboa uma Cidade em Transformação", p. 57.

Infohabitar a Revista do Grupo Habitar

Editor: António Baptista Coelho

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação - Olivais Norte

Infohabitar, Ano VIII, n.º 407, 12 Setembro 2012

Etiquetas: [antónio baptista coelho](#), [cidade verde](#), [natureza e urbanismo](#), [paisagem e cidade](#), [vantagens do verde](#), [verde e cidade](#), [verde](#)